



Conversa

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

O Trabalho de Rua Como Um Comum Urbano:

Maria dos Camelôs e Trechos de
sua História de Luta pelo Direito à
Cidade e ao Trabalho¹

Conversa entre:

Rose Laila de Jesus Bouças

Universidade Federal da Bahia

**Maria de Lurdes do Carmo
(Maria dos Camelôs)**

Movimento Unido dos Camelôs

¹ Este artigo contém uma das entrevistas realizadas na etapa de pesquisa empírica do trabalho de doutorado de Bouças (2024), que contou com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Maria de Lurdes do Carmo, ou Maria dos Camelôs, é uma liderança do Movimento Unido dos Camelôs (MUCA),² com atuação no Rio de Janeiro. Ela foi uma das entrevistadas, em abril de 2021, para a tese de doutorado de Bouças (2024), com o intuito de identificar o que pode ser produzido pela atividade de trabalhadoras e trabalhadores de rua, para além da ocupação das calçadas — ou seja, o que essa atividade e seus sujeitos produzem em termos de práticas e saberes³. Maria nasceu em Caratinga (MG) e começou sua vida profissional como trabalhadora doméstica. Ainda muito jovem se mudou para o Rio de Janeiro, onde morou em uma ocupação do Movimento Sem Teto (Ocupação Chiquinha Gonzaga), por 6 anos, uma experiência fundamental para sua formação social e política, já que ali participava das discussões sobre o direito à moradia.

Maria também disse, na conversa, que faz parte do MUCA desde a sua fundação. De acordo com ela, o Movimento nasceu dentro da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e das discussões realizadas pelo movimento sobre o direito à cidade. Ser uma liderança mulher também é um ponto que traz alguns conflitos, mas Maria enxerga a atividade como uma possibilidade de libertação para que mulheres saiam de relacionamentos abusivos e possam cuidar de suas vidas com autonomia.

A conversa com ela é extremamente importante, sobretudo se considerarmos o quantitativo de mulheres negras que são mães solo no Brasil⁴. Embora, aqui, não nos aprofundemos nesse tema, consideramos importante chamar atenção para essa discussão, por destacar o uso da sabedoria e das táticas de vida criadas pelas mulheres trabalhadoras de rua, para dar conta do próprio sustento e do trabalho do cuidado.

O depoimento e a conversa com Maria têm pontos muito fortes, sobretudo quando ela traz, em sua fala, a importância das atividades vinculadas ao trabalho, na rua, tanto para as pessoas que o realizam quanto para a cidade. É possível identificar, na conversa a seguir, a referência à Avenida Rio Branco, no centro do Rio, como um “território de

² Mais informações podem ser encontradas no site do MUCA, disponível em: <<https://movimentounidodoscamelos.wordpress.com/>>. Acesso em 29 nov 2025.

³ Aqui optou-se por apresentar o conteúdo da entrevista de forma direta, priorizando o registro da voz e experiência da pessoa entrevistada, sem aprofundar a discussão das questões suscitadas na conversa. Essa escolha decorre da necessidade de preservar a objetividade e o foco analítico do texto, evitando extrapolações que demandariam maior desenvolvimento teórico e espaço argumentativo.

⁴ Segundo estudo da FGV/IBRE (2023), entre 2012 e 2022 o número de domicílios chefiados por mães solo no Brasil aumentou 17,8%, passando de 9,6 milhões para 11,3 milhões. Deste total, a elevação se deu em sua quase totalidade entre mulheres negras (pretas e pardas), que passaram de 5,4 milhões para 6,9 milhões no período. Também em 2022, cerca de 72,4% dessas mães solo vivem em domicílios monoparentais, ou seja, moram apenas com os filhos, sem cônjuge ou outros membros adultos que pudessem partilhar responsabilidades familiares. Disponível em: <<https://blogdoibre.fgv.br/posts/maes-solo-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em 03 ago 2025.

trabalho" (QUEIROZ, 2017),⁵ cabendo lembrar que esta foi reformada e saneada nos moldes europeus no início do Século XX (BOUÇAS, 2024). No relato de Maria, fica evidente a maneira intensa como o que foi concebido para esse lugar luminoso⁶ é tensionado pela prática daqueles que criam formas de trabalho com seus próprios recursos e que, no âmbito do vivido (LEFEBVRE, 2000), enquanto homens (e mulheres) lentos(as), desafiam a ordem hegemônica através das táticas de vida que tecem cotidianamente nesse lugar (SANTOS, 1994; RIBEIRO, 2012; GAGO, 2018). Maria defende que esse trabalho, mesmo precário, é o que lhes sobrou; e que é preciso buscar condições para que ele seja mais valorizado e reconhecido. Ela acredita que é importante ser reconhecida para além da pessoa que vende alguma mercadoria, mas como uma trabalhadora, reforçando assim o termo com o qual tratamos as pessoas que realizam a referida atividade, aqui chamados(as) de "trabalhadores e trabalhadoras de rua".⁷

Para Maria, o espaço público é o "chão de fábrica" de trabalhadoras e trabalhadores de rua, o que pode ser entendido como metáfora do comum, já que é nele que se tecem relações de cooperação e redes de compartilhamento que sustentam as táticas de vida. Vale ainda mencionar que, aqui, compreende-se que o espaço público só pode ser convertido em comum quando é apropriado por meio da ação social e política (BOUÇAS, 2024). Essa concepção dialoga com a noção de comuns urbanos, entendidos como práticas sociais de compartilhamento, autogestão e cooperação (DAR-DOT; LAVAL, 2017), e encontra expressão em diferentes espacialidades nos quais circulam riquezas, memórias e sociabilidades, vinculadas ao circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 2008; LISBOA, 2004). Tais espaços, ainda que tensionados por fluxos de homogeneização, possibilitam formas diferenciais de urbanidade, constituindo-se como ambientes de experimentação social e econômica (CORAGGIO, 2011; MAGALHÃES, 2022). O comum, assim, não é dado, mas produzido na vida cotidiana, em práticas de compartilhamento, autogestão e resistência que resgatam memórias coletivas e abrem possibilidades para novas formas de viver e trabalhar na cidade (RIBEIRO, 2004; RIBEIRO, 2012; GAGO, 2018; STAVRIDES, 2016).

⁵ De acordo com Queiroz (2017) os "territórios de trabalho" são constituídos pelas pessoas mais vulneráveis nas áreas de grande movimentação de público, como acontece no espaço público, principalmente nos grandes centros urbanos.

⁶ Na formulação de Milton Santos (1994), aprofundada por Ribeiro (2004; 2012), os espaços luminosos são aqueles vinculados à racionalidade técnica, à modernidade e ao produtivismo, carregados de homogeneização e artificialidade, enquanto os espaços opacos correspondem às zonas da sobrevivência, do cotidiano e da inventividade, onde emergem resistências, usos alternativos e formas populares de apropriação do urbano.

⁷ O termo "trabalhador(a) de rua", adotado pela autora desde Bouças (2015), refere-se a quem realiza atividades de compra e venda em espaço público, fixando ponto de trabalho e estabelecendo vínculos que vão além da provisão de renda.

Dito isto, seguimos para a conversa com Maria⁸, realizada em formato de entrevista no contexto da pesquisa de doutorado da autora⁹. A escuta de sua trajetória e de suas percepções sobre o trabalho de rua permite compreender, a partir da experiência vivida, um dos modos possíveis de produção do comum urbano. O diálogo que se apresenta a seguir é revelador dos desafios cotidianos e das estratégias de resistência que marcam a vida das trabalhadoras e trabalhadores de rua.

⁸ DO CARMO, Maria. Entrevista [mar. 2021]. Entrevistadora: Rose Laila de Jesus Bouças. Salvador, 2021 [Entrevista online via aplicativo Zoom]. 1 arquivo .mp3 (70 min.).

⁹ Optou-se por manter a forma escrita decorrente da transcrição direta do diálogo original da entrevista. Em razão disso, algumas passagens preservam linguagem coloquial, pausas, entonações, grafias e estruturas típicas da oralidade.

Laila Bouças: Então, Maria, eu já venho estudando essa questão das trabalhadoras e trabalhadores de rua há algum tempo e agora tô ampliando os estudos. Eu queria conversar algumas coisas com você sobre o trabalho que você realiza, queria aprofundar algumas questões e ter uma oportunidade de te ouvir mais.

Maria dos Camelôs: Pode ficar à vontade. Pode perguntar.

Laila Bouças: Seu nome é Maria...

Maria dos Camelôs: Maria de Lurdes do Carmo!

Laila Bouças: Você é conhecida como Maria dos Camelôs mesmo, né?

Maria dos Camelôs: Isso!

Laila Bouças: Quantos anos você tem, Maria?

Maria dos Camelôs: 46 anos

Laila Bouças: Você é aí do Rio de Janeiro mesmo?

Maria dos Camelôs: Não, eu sou de Minas Gerais, de Caratinga.

Laila Bouças: Mas você mora no Rio há muito tempo já?

Maria dos Camelôs: Eu vim pra cá com 12 anos de idade

Laila Bouças: O seu ponto fica onde, Maria?

Maria dos Camelôs: Fica no centro. Fica na Rua Miguel Couto, no centro da cidade.

Laila Bouças: Foi você quem escolheu esse ponto?

Maria dos Camelôs: Eu escolhi porque tava lá, né, os pontos. Tinha tal ponto, tal ponto e tal ponto, aí eu escolhi dos que tavam ali pra ser escolhidos.

Laila Bouças: Ah, entendi. Mas aí foi quando você foi buscar permissão?

Maria dos Camelôs: Isso. Quando saiu meu nome no diário oficial, aí eu fui lá e tinha alguns pontos. Aí eu espertamente mandei meu irmão ficar na rua e aí falei: "ó, vai lá escolher qual o melhor pra eu ficar, tem esse, esse e esse". Aí meu irmão foi lá e falou: "ó, pede esse que é um pouquinho melhor". Aí acabei ficando num lugar melhorzinho.

Laila Bouças: Mas você já trabalhava como camelô antes de escolher esse ponto?

Maria dos Camelôs: Já. Eu sou camelô há 26 anos e eu consegui meu ponto em 2013.

Laila Bouças: Ah, certo. Demorou então, né?

Maria dos Camelôs: Muito tempo. E tem muita gente que quando eu cheguei na rua já estava na rua e ainda não tem ponto até hoje.

Laila Bouças: Entendi. E aí você paga pra poder trabalhar nesse lugar? Tem a TUAP¹⁰, né? Eu conversei com André¹¹ e ele me falou um pouco sobre essa questão do licenciamento aí no Rio.

Maria dos Camelôs: Uhum... Eu pago, por ano, uma taxa de R\$180,00.

Laila Bouças: Entendi. E além desse, você tem alguns outros custos? Tipo o de guardar...

Maria dos Camelôs: Tenho o de depósito. Eu tenho o de depósito, mas como eu não me sinto segura nos depósitos da cidade, porque não são legalizados, eu aluguei uma sala e aí eu pago R\$1.300,00 de aluguel com condomínio. Com essa pandemia, o proprietário só tá me cobrando o condomínio que é R\$603,00 por mês.

Laila Bouças: Entendi. E a sua história no MUCA, Maria, como que é? Desde quando você tá no MUCA?

Maria dos Camelôs: Acho que não cheguei a falar isso com você, não, foi pra outra menina que eu acabei de dar entrevista. Eu contei pra ela como foi a organização do MUCA. O MUCA nasce em 2003, dia 1º de julho de 2003. Eu fiquei o 2002 inteiro na rua, trabalhando, tava grávida e foi aquele momento de conflito muito grande com a prefeitura, numa época do governo Cesar Maia. E eu sempre defendendo os trabalhadores... Porque, assim, eu tô na rua desde 1996, tem 26 anos que eu trabalho na rua. Eu nunca tinha me envolvido em nada porque meus filhos eram muito pequenos, eu morava longe, eu era mãe sozinha, tinha separado, então sempre vinha na rua trabalhar e voltava pra casa. E em 2002 quando eu engravidei de novo, eu me vi assim, "cara, tenho mais um filho pra sustentar e eu preciso fazer alguma coisa pra garantir esse trabalho que eu tenho aqui". Comecei a enxergar a rua com outro olhar, então comecei a me envolver com tudo que tinha na rua. O guarda pegava um camelô, levava mercadoria, eu ia pra cima do guarda e, aí, aquela confusão! Eu, grávida, com um barrigão, chamava atenção da população, aí o guarda ficava constrangido, devolvia a mercadoria e eu fiquei a gravidez inteira. Meu filho nasceu dia 18 de março, fez 18 anos agora, e eu fiquei trabalhando com ele uma semana. Eu não tive resguardo. Eu tive ele e em uma semana o médico marcou pra tirar os pontos, eu já fiquei na rua trabalhando

¹⁰ Taxa de Uso de Área Pública (TUAP) é uma taxa cobrada pela Prefeitura do Rio de Janeiro para feirantes e ambulantes que utilizam o espaço público para vender seus produtos.

¹¹ André é associado ao MUCA e faz parte da Associação dos Trabalhadores da Lapa – Rio de Janeiro. Foi um dos entrevistados para o trabalho de Bouças, 2024.

e aí eu vim com ele. Eu lembro que rolou uma briga na rua, minha mãe viu na televisão eu correndo com ele, aí minha mãe não deixou mais eu trazer e ficou com ele em casa e eu vinha pra rua sozinha. Quinze dias após eu ter tido ele, rolou um conflito com ele e eu fui agredida pela guarda municipal. Eu apanhei muito. Os guardas quebraram meu nariz. Então, assim, quando a gente tem filho, a gente fica muito frágil, uma cesariana, uma ligadura de trompas, uma responsabilidade pelos dois filhos sozinha, eu tava bem frágil. Eu fiquei verde de tanto apanhar da guarda municipal e meu nariz foi quebrado. Eu voltei pra casa muito machucada e já imaginei chegar em casa e minha filha me ver assim machucada: foi horrível. Aí eu vou pro hospital, me cuido e fico uma semana no hospital. E, aí, o médico passou medicamento na veia pra cesariana cicatrizar, aí fiquei no hospital e volto com aquela ideia: "preciso organizar alguma coisa pra gente sair desse conflito, eu só tô na rua trabalhando". E aí a gente vai procurar a CUT. Reunimos um grupo de camelôs e a gente foi procurar a CUT. O MUCA nasce dentro da CUT. O primeiro ato nosso foi 1º de julho de 2003, na Cinelândia. A gente conseguiu colocar muita gente na rua. As pessoas estavam muito agoniadas com os conflitos que estavam acontecendo na rua, então a gente conseguiu balançar a cidade e colocar gente na rua. E, desde aí, o prefeito começa a fazer prisões. Quem tava próximo à gente, ele começou a prender. Eu lembro que as primeiras prisões que a gente teve foram 37 detidos e 23 presos. Foi em julho de 2003. Vários desses meninos de 37 detidos à noite, presos e levados pra delegacia, e muitos desses meninos já tinham passagem porque pra gente, nessa época, na rua, era uma novidade muito grande vender CD e DVD pirata, naquela época.

Laila Bouças: Sim.

Maria dos Camelôs: E, naquela época, eles tavam trabalhando com isso. Gravavam eles mesmos e colocavam na rua. Muitos deles já tinham sido detidos por vender pirataria. Já tavam respondendo processo e, aí, muitos deles ficaram presos porque já eram réu primário. Então, assim, deu um trabalho danado pra tirar esses meninos da cadeia, mas tiramos todos eles e o movimento nasce daí, contra a violência da guarda municipal, com a apreensão das mercadorias. Então a gente busca um lugar pra trabalhar. O movimento nasce nessa discussão do direito à cidade.

Laila Bouças: Entendi. Então, aí você foi uma das lideranças?

Maria dos Camelôs: É, porque quando começou a prender, muita gente foi se afastando, né, e eu fiquei. Eu falei "daqui eu não saio". Fiquei e não saio até hoje. Já entraram outras pessoas, já saíram, mas eu continuo, continuo aqui.

Laila Bouças: Você faz parte de alguma outra associação além do MUCA?

Maria dos Camelôs: Eu faço parte da UNICAB¹², que é o movimento que a gente organiza. Quando foi fechado a copa do mundo pro Brasil, né, também no Rio de Janeiro, veio uma entidade, a Street Net¹³. Ela tava lá na África do Sul, organizando os informais por causa da Copa do Mundo, das Olimpíadas, e ela veio pro Brasil pra fazer a mesma coisa. E dessa organização que a gente participou, desses encontros com a Street Net, a gente conseguiu criar a UNICAB, que é uma União Nacional dos Trabalhadores Informais, a gente tem encontros, a gente discute e eu faço parte da executiva. Ajudei a fundar essa entidade e eu faço parte. O MUCA é filiado a UNICAB e a UNICAB à Street-Net, é um movimento nacional e a gente constrói nacionalmente também um movimento de camelô. A gente tem agora encontros, e uma das coisas que a gente tirou é que a gente ia organizar junto com os deputados uma frente parlamentar em defesa dos trabalhadores informais, em Brasília. A gente conseguiu, já tem quase 300 assinaturas pra tá montando essa frente, mas com a pandemia a gente não conseguiu fazer mais nada, né? Em 2020 que a gente ia tocar isso pra frente, mas aí veio essa coisa da pandemia, "fica em casa", e aí não foi pra frente, Mas a gente só tá esperando isso passar pra gente voltar pra tocar isso pra frente.

Laila Bouças: Entendi.

Maria dos Camelôs: Eu também faço parte do Movimento Sem Teto. Eu morei numa ocupação do Movimento Sem Teto. Em 2003, eu morava distante, em Japeri, e trabalhava no centro do Rio. Eu morava distante e eu descobri que eu tenho muitos direitos que me eram negados, um deles era de ocupar prédios públicos pra morar. Então eu saio de Japeri e venho morar no centro do Rio, num prédio ocupado pelo movimento social: a Ocupação Chiquinha Gonzaga, que tem uma história maravilhosa. Morei lá de 2004 à 2010 e foi muito bom morar lá, construir aquele espaço, participar daquela construção coletiva dos espaços que a gente ocupava pra morar. Esse prédio é muito bom, porque ele era um hotel, então todos os quartos tinham banheiro, foi uma ocupação muito boa de se morar, que era um cômodo grande que a gente conseguia fazer quarto sala e cozinha. E tinha banheiro, cada um tinha seu banheiro individual. Morar lá

¹² UNICAB - União de Trabalhadoras e Trabalhadores Ambulantes, Feirantes e Camelôs do Brasil.

¹³ A *StreetNet International – International Alliance of Street Vendors* é uma organização global que reúne comerciantes informais, entre os(as) quais se incluem trabalhadores(as) de rua, com o objetivo de formar e fortalecer uma aliança democrática e autônoma entre esses grupos. Presente em mais de 50 países, a StreetNet desempenhou papel fundamental na articulação que levou, em 2011, à criação da União de Trabalhadoras e Trabalhadores Ambulantes, Feirantes e Camelôs do Brasil (UNICAB). Disponível em: <<https://streetnet.org.za/>> Acesso em 29 nov. 2025.

foi muito importante, eu consegui me formar também dentro da ocupação e me tornei uma militante de ocupação pelo direito à moradia também.

Laila Bouças: Entendi, muito bacana sua história. Eu não sabia muito sobre a StreetNet. Já tinha lido algumas coisas, mas não sabia que tinha essa interlocução com os movimentos. Deixa eu voltar um pouco pro que tinha pensado em te perguntar... Na verdade, uma coisa que eu fiquei pensando enquanto te ouvia falar... Essa relação do feminino com o trabalho, da presença da mulher na rua, na luta política: como é isso pra você? Pergunto isso porque percebo que tem uma diferença na questão de ter filhos, por exemplo. Imagino você recém-parida, com pontos ainda, com criança pequena e tudo... Como é essa relação, pra você, de ser mulher? Quando eu fiz a pesquisa do mestrado, eu fui pra rua conversar com as pessoas e a maior parte das lideranças que eu encontrei, pelo menos aqui no centro de Salvador, eram homens. Tem sido muito interessante estar encontrando lideranças mulheres do movimento de trabalhadoras e trabalhadores de rua, e aí eu fico curiosa pra ver como vocês se entendem nesse processo.

Maria dos Camelôs: Eu acho que as mulheres... Quando eu cheguei na rua, também, em 1996, era muito difícil você ver mulheres na rua trabalhando. Aqui, no Rio, a gente tem uma lei, que é a 1.876, que regulamenta o comércio ambulante e essas autorizações que a gente tem. Se você andar na cidade você vai ver que a maioria das pessoas que tem são homens, porque a nossa lei diz que, pra você conseguir autorização, você tem que provar que tem tempo que você trabalha na rua. Como há muito tempo atrás as mulheres não faziam esse trabalho, você tem a maioria de homens. Se você pegar a maioria das autorizações, são de homens que trabalham, porque eles têm mais tempo que trabalham. É bem difícil porque, quando eu cheguei, eu cheguei bem, e fui muito bem aceita na rua, mas essa coisa de ser liderança gera muito ciúme, dá um impacto. Não é uma mulher que tá, ali, falando pra gente, uma mulher que organiza os camelôs, uma mulher que tem contato com o Instituto Unibanco, que conseguiu 4.500 cestas básicas pra você conseguir ajudar os trabalhadores. Então isso gera um incomodo, um machismo, mas a gente não tem problema com isso, a gente encara. Você imagina uma categoria que só tinha homem e agora as mulheres dominam esse setor também e uma liderança mulher que tá, ali, fazendo uma discussão. Então é uma coisa que não tem muito tempo que ela tá dominando, que ela tá ali trabalhando, então tem esse machismo mesmo. Mas, assim, eu que tô na rua já faz um tempo, eu enxergo a vinda das mulheres para esse setor, quando as mulheres começam a se libertar desses relaci-

onamentos abusivos, elas começam a ser mãe sozinha, a sair do relacionamento e cuidar da sua própria vida. Porque não é um lugar que você trabalha menos, eu acho que a gente trabalha até muito mais, mas é um lugar que você faz a sua carga horária de trabalho. Você consegue cuidar dos filhos, cuidar da casa e você consegue trabalhar, porque você é o seu próprio patrão. Você chega, monta sua barraca e consegue cuidar dos seus filhos, ou você desmonta mais cedo pra ir cuidar dos seus filhos. Então você consegue se organizar e trabalhar e cuidar dos filhos e dar conta do seu trabalho, então é um trabalho que eu acho que dá mais liberdade de você ser dona de casa e dos filhos e dar conta do seu trabalho. Hoje você consegue ver muitas mulheres que trabalham na rua, enfrentam guarda municipal, que tá ali defendendo seu sustento e tirando seu sustento das ruas. Isso pra gente é muito importante, o empoderamento das mulheres em todos os setores e no nosso também é muito bom de ver.

Laila Bouças: Na conversa com Pitty¹⁴ surgiu um pouco isso também. Ela comentou que observa que é um trabalho que dá oportunidade pra algumas mulheres saírem de uma situação de violência. Tem algumas pesquisas que falam sobre isso, às vezes a demora de uma mulher conseguir sair de uma situação de abuso e de uma relação ruim e de risco, se dá pela dificuldade de ter acesso ao trabalho.

Maria dos Camelôs: Esse trabalho deixa a gente assim... Eu sempre trabalhei, então eu trabalhei em casa de família, me casei e continuei trabalhando em casa de família, mas é isso que a gente tá falando aqui. O pai dos meus filhos era muito agressivo, me batia muito e eu não aguentava mais aquela vida. O salário que eu ganhava como empregada doméstica dava pra pagar aluguel, pagar alimentação dos meus filhos e comer. Então eu resolvi largar ele e minha alternativa de estar melhor com meus filhos foi vir trabalhar na rua. E isso me deu um empoderamento muito grande. Eu vinha pra rua, eu fazia meu trabalho, eu mesma comprava minha mercadoria, decidia o que eu ia fazer e isso era muito bom pra mim. Foi um crescimento enorme, sair de Japeri, uma cidade muito pequena, morando com uma pessoa ruim que me maltratava muito, um lugar que não tinha água, meu filho muito pequeno passando necessidade. Eeu venho pra um setor informal, venho ser liderança de um movimento, depois vou morar numa ocupação, eu sou uma pessoa que as pessoas que estudam vem conversar com a gente sobre a informalidade, eu sou candidata a vereadora. Isso é um nível de um afirmamento na vida muito grande. Tive um conhecimento enorme do que eu não tive... Hoje, eu tenho uma cabeça de bater, de impor o que eu quero, e é isso. É muito bom.

¹⁴ Pitty é Marli Almeida, associada ao Sindicato dos Ambulantes do Estado da Bahia (Sindibaq) e diretora na Associação Baiana dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Mercado Informal (ABATIS).

Sair daquela vida, que eu enxergava só aquilo. Minha mãe falou que eu tenho que viver com esse cara a vida inteira, que tem essa coisa de que quem separa do marido vira piranha... Essas coisas que a gente traz, essas discussões antigas, então romper com esse sistema e botar a cara pra fora e dizer "eu vou trabalhar, eu tô no meio dos homens trabalhando, porque eu preciso sustentar meus filhos, então, é isso". Naquela ideia, a mulher é até malvista, a mulher é malvista, mas você tem que ver, você pode ser até malvista, mas se você tiver bem, o que interessa é que você se veja bem. É um pouco isso o que eu penso hoje. É um pouco não: é isso que eu penso hoje.

Laila Bouças: É uma trajetória muito bonita, a sua história.

Maria dos Camelôs: [risos] Minha filha até fala assim, pra mim... Porque minha filha tem 30 anos, ela fala: "mãe, você sofreu". Eu falo, "cara, o meu travesseiro é que sabe o que que era o meu sofrimento", porque ter que sustentar ali, sabe, e você fala "eu tô com essa pessoa porque eu tenho filho pequeno, tenho que tolerar porque eu tenho filho". Mas aí um dia você faz, você acorda. Agora eu me sinto capaz e mete o pé.

Laila Bouças: E, aí, pegando um pouco carona nisso que você tá dizendo, qual é a importância do trabalho de rua pra você?

Maria dos Camelôs: Outro dia eu tava numa aula. Era uma professora de direito, ela tava dando uma aula e ela pediu pra gente falar na aula. Eu fui lá falar. Aí teve uma menina que tava lá e perguntou assim: "Maria, por que você luta tanto pelo direito de trabalhar na rua se esse trabalho é tão precário?". Eu respondi pra ela: "é o que sobrou pra gente". Esse trabalho precarizado foi o que sobrou pra gente e a gente precisa lutar pra ele ser um trabalho menos precário. É por isso que a gente tem essa luta, pra gente ter reconhecimento do trabalho informal. O camelô é trabalhador e a gente vai tá aqui fazendo toda essa discussão com o poder público. Essa discussão, eu fico muito olhando quais são os direitos que a gente tem. Por que as pessoas são impedidas de trabalhar? A gente quer uma cidade organizada, a gente vê tantos jovens que poderiam estar fazendo alguma coisa de errado, estar na boca de fumo, matando, roubando, traficando, mas o cara tá ali, tentando. Aquelas pessoas que entram no ônibus, "poderia tá matando, roubando, mas tô aqui trabalhando"... É exatamente isso. Você passa na rua, você vê um trabalhador, menino. Cada vez que você passa na cidade, ali na Rio Branco, pra mim, é um espelho desse lugar. Você vê aquele menininho com 18, 19, 20, 16 anos, tá ali como sacoleiro, ele vai lá no Saara e compra, e tá ali vendendo, vai sustentar a casa. Muitos pra sustentar filho, pra sustentar a casa, e a gente vê a guarda municipal ter a coragem de tomar a mercadoria dessas pessoas. Eu fico me perguntando: qual o incentivo de vida que essas pessoas tem? As pessoas moram em favelas,

em lugares que oferecem de tudo pra fazer coisa errada, as pessoas moram em lugares que o Estado entra e sai matando, então eles querem uma alternativa de vida diferente e vem pra rua tentar ganhar o seu sustento. E, aqui, você não tem o poder público, ali, te acolhendo. Tem o poder público te batendo, te impedindo de fazer aquilo, né? Eu acho que uma das coisas que me faz ser tão valente nesse trabalho que eu faço, de todos os dias, é tá pensando como é que eu vou fazer essa discussão com todo setor, como que a gente vai fazer, as pessoas precisam de organização, é isso. É ver essas pessoas que não têm pra onde ir, mas que tão ali, defendendo esse trabalho tão precário, porque foi isso que sobrou pra gente, então a gente precisa lutar pra não ser tão precário. Ele é precário, mas ele é bom. Eu gosto de montar minha barraca, eu adoro receber meus clientes, eu gosto de carregar o peso que eu carrego, eu gosto muito da rua. É um prazer estar trabalhando na rua. Eu não sei se foi essa pergunta que você me fez, não sei se consegui responder.

Laila Bouças: Sim. Respondeu sim. O que você acha que é mais prazeroso desse estar na rua? O que é esse estar na rua pra você?

Maria dos Camelôs: O mais prazeroso de estar na rua é você não ter patrão. Isso pra mim... tipo, você não ter ninguém. Você ter hora de almoço, hora de voltar a trabalhar, o horário de você ir no banheiro. Você faz o seu próprio salário, é você chegar ali a hora que você quer, você não ter que bater ponto... O melhor disso é você ser o organizador do seu trabalho. Você se sente muito melhor.

Laila Bouças: e nesse momento da pandemia, como você vê a importância desse trabalho, a necessidade desse trabalho. Você tá na frente, organizando distribuição de cesta básica. Como que tá sendo esse momento?

Maria dos Camelôs: É, a gente acabou de receber a mensagem de que a partir de segunda-feira vai ficar tudo fechado. E, aí, como que faz com essas pessoas que trabalham na rua e não tem de onde tirar nada? Cara, é muito difícil pra gente. Esse trabalho, ele é muito importante. A gente sabe que, agora, com a pandemia, a quantidade de gente que tá sendo desempregada e tá vindo pro setor informal. E, aí, quando fala setor informal, não fala só na rua, não é só como camelô. As pessoas estão indo trabalhar na informalidade vendendo as coisas pela internet, a informalidade com os aplicativos, com o pessoal de entregas, então o setor informal ele tá crescendo muito. Esse trabalho é muito importante pra gente. Mesmo o setor informal querendo, ele não consegue absorver, até porque muita coisa tá fechando, muitas coisas estão fechando e as pessoas vão ficar na rua. O que sobrar do setor informal não vai conseguir absorver essas pessoas todas em volta. A gente precisa garantir fazer a discussão da informalidade, precisa

garantir o camelô que ocupa o espaço público e lutar por essa bandeira, por esse direito. A gente precisa ser reconhecido. Eu não posso ser só aquela pessoa que quando a pessoa sai do metrô e cai aquela chuva imensa e, de repente, brota camelô de todos os lados vendendo sombrinha. Eu não posso ser só essa pessoa. Eu não posso ser só o garçom das festas, do carnaval, do ano novo, quando as pessoas estão lá pulando e eu vou estar lá só servindo pra ela água gelada, cerveja gelada. Eu não posso ser só vista como essa pessoa. Eu quero ser enxergada como uma trabalhadora. A gente precisa que a prefeitura discuta esse setor informal e legalize as pessoas que estão na informalidade e respeite. Pra gente, é muito importante essa discussão. Pra mim, essa discussão é muito importante. Eu faço ela todos os dias, eu converso sobre ela todos os dias. Todos dias eu vou amadurecendo o meu discurso, porque ele pode ser melhor sobre a informalidade, pra eu falar sobre a necessidade de estar nesses espaços. E aí eu costumo dizer pras pessoas que a rua, o espaço público que a gente tá, é o nosso chão de fábrica. É o lugar onde a gente trabalha pra levar o sustento pra dentro da nossa casa. É onde a gente discute qual a mercadoria que a gente vai vender, é onde a gente discute como a gente vai enfrentar a fiscalização, como a gente vai enfrentar a guarda municipal, quem vai ser o próximo prefeito, como que isso vai acontecer, então a gente discute ali, e esse local é muito importante na cidade.

Laila Bouças: Nesse período da pandemia, você falou que ficou sem trabalhar, né? E já vai fazer um ano que você não montou a sua barraca. Como é que ficou sua renda nesse período? Você ficou com contato com seus clientes, tentou alguma outra alternativa? Você falou de usar internet, aplicativo, você tentou fazer alguma outra coisa?

Maria dos Camelôs: Tem 1 ano e 4 dias que eu não trabalho. Não voltei, fiquei com muito medo. Engraçado que a gente fica com medo de estar na rua, mas estava na rua distribuindo cesta básica, né, sendo solidária às pessoas. Mas é a vida, né, a necessidade faz isso. Pra mim, foi difícil porque a gente teve que enxugar muita dívida que a gente tinha. Tira filho do colégio, coloca em outro mais barato. Tranca faculdade, organiza pra gente ficar só dentro de casa e vivendo do que tem, né? A minha sorte é que meu marido é funcionário público, então a gente não passa fome porque o dinheiro que ele ganha dá pra gente comer, pagar luz, água e condomínio, e sobreviver até isso passar. Eu ia voltar agora, planejei voltar agora, em março, mas aí começou a ficar tudo pior e não me sinto à vontade de ir pra rua, até porque não tá valendo a pena. Você chega na rua, você não vende nada. A rua tá fraca, o local que eu posso trabalhar, que é o lugar que eu tenho autorização, é o lugar onde não tá passando ninguém, porque é aquele espaço onde tem muita empresa. As pessoas estão em casa

de home office, então ninguém passa naquele espaço. Então, eu ficar naquele espaço é só correr o risco de ficar doente. Então eu não quis voltar, ainda estou resistindo à volta. Ainda mais, agora, que fechou tudo, que não tem volta, a gente não sabe quanto tempo vai ficar isso. Se já tivesse vacina, se já tivesse me vacinando talvez ficasse 15 dias e começasse a voltar todo mundo, mas sem vacina a gente não sabe como vai ser daqui pra frente.

Laila Bouças: Você chegou a ter covid-19?

Maria dos Camelôs: Não, eu não peguei não. Eu perdi gente da minha família. Eu perdi dois casais de tios. Foram 4 pessoas, dois casais assim, marido e mulher. Muitos amigos, camelôs também. A gente só vai sentir muita falta mesmo quando a gente voltar, que a gente vai começar a procurar onde tá Fulano, onde tá Sicrano, e aí vai ver que Fulano morreu, aí que a gente vai sentir. Mas, agora, assim... Agora, você começa a perceber e ver que tá morrendo muita gente próximo, né? Morreram mil pessoas, agora morrem 1.800, 2.000 pessoas, e você começa a perceber que várias pessoas próximas a você, amigo do seu amigo, que você também conhece. Ou pessoas próximas, mesmo, tão morrendo, então tá bem complicado.

Laila Bouças: Sim, tá bem difícil mesmo. Nesse período, você falou, também, que tava nessa atuação com a cesta básica. Você não chegou a voltar pro seu ponto, mas eu imagino que deve ter tido camelô que voltou pra rua, né, que não teve jeito. Você chegou a ter algum contato, como que foi essa relação com o poder público nesse momento?

Maria dos Camelôs: Então, quando eles voltaram, eles pegaram o finalzinho do governo Crivella, que tinha aquela repressão, aquela bomba. O Eduardo Paes se candidata e aí vem a eleição. O Eduardo Paes nos debates o tempo inteiro, tudo que ele falava, não os trabalhadores informais. O Eduardo Paes, quando ele entrou 2019, ele fez um choque de ordem na cidade, ele massacrou nossa categoria. A gente fez muita passeata, muito ato em cima dele e ele ficou um pouco com medo, então ele fez um segundo turno, uma campanha falando dos camelôs. Aí ganhou a eleição. Ele não fez um diálogo com a categoria. Até hoje, não sentou pra conversar com a gente, mas também não teve muita repressão. Ele fez um choque de ordem pelas beiradas, ele não ataca todo mundo de uma vez, não faz no centro da cidade. Porque, aqui, tem uma resistência maior. Mas o que ele faz, a primeira coisa, é mandar um projeto de lei pra Câmara pra armar a guarda municipal. Então, a gente pega uma campanha só, a gente encontra esse armamento, a gente tá fazendo uma campanha contra o armamento porque a gente sabe que o setor mais prejudicado com o armamento é o dos camelôs, com o

pessoal em situação de rua, com os mais carentes que convivem a cidade. A gente faz essa campanha porque a gente acha e tem certeza que a guarda municipal não tem que ser armada. Arma não vai trazer solução pra nada.

Laila Bouças: Eu vi um pouco disso do que você tava falando, dessa discussão que você tava falando da guarda municipal armada, né? Eu vi que é um debate bem forte que vocês estão tendo.

Maria dos Camelôs: É, um debate forte que, infelizmente, a gente não consegue que os setores todos da sociedade venham fazer com a gente. As pessoas, é o que eu falo também, Vivem falando contra a fiscalização da polícia militar. E a gente vai deixar a guarda municipal ser militarizada na nossa cara, né? Então, a gente precisa fazer um debate muito forte. A gente vai pra rua, faz audiência pública, faz atos mesmo com essa pandemia. A gente fez atos na rua, colagem de cartaz pra contar do armamento da guarda, a gente faz nossa parte e a gente acha que esse projeto de lei é muito importante que ele não passe. A gente sabe que essa Câmara de Vereadores, agora, é todo mundo ligado ao prefeito, mas a gente tá em discussão com os vereadores, pra que esse projeto não passe. Aqui, no Rio, a gente tem muito essa coisa da milícia, né? A gente sabe o que vai ser desses guardas municipais que já são envolvidos nessa área e depois armados, então vai ser bem difícil, mas a gente é resistência, né? Resistência sempre.

Laila Bouças: Você trabalha em qual segmento, Maria? Qual é a sua mercadoria?

Maria dos Camelôs: Eu vendo roupa feminina. Eu busco em São Paulo.

Laila Bouças: Você vai buscar em São Paulo pra vender aí?

Maria dos Camelôs: Vou buscar em São Paulo.

Laila Bouças: Você tentou alguma dessas alternativas de vender on-line ou não funcionou pra você?

Maria dos Camelôs: Olha, eu não consigo. Não sei mexer com isso. Isso, pra mim, é bem complicado. Eu acho que é uma coisa que tá crescendo muito. A gente tem que apostar muito nela, também, mas eu não sei mexer com isso e pra mim é muito difícil. Aí você tem que ficar postando foto, sabe? Eu não consigo. É uma coisa que pra mim não dá ainda não.

Laila Bouças: Você tem contato com seus clientes? Ou não tem mais? Era só na rua mesmo?

Maria dos Camelôs: Ah, eu tenho cliente de muito tempo, mas um ano sem ocupar a rua, eu não sei mais se eles são meus clientes. Não sei se ainda estão trabalhando, não sei como vai ser essa volta.

Laila Bouças: Entendi. O que você gostaria que fosse feito com relação ao seu trabalho, nesse momento?

Maria dos Camelôs: Olha, nesse momento, que a gente não pode ir pra rua, eu gostaria que o governo ajudasse as pessoas. Porque não tem de onde tirar comida, né? Ajudar mesmo, pras pessoas conseguirem pagar aluguel, comer e ficar dentro de casa se protegendo. Pós-pandemia, eu gostaria muito que a gente fosse reconhecido como trabalhador. Que a gente fosse reconhecido como trabalhador e respeitado como trabalhador.

Laila Bouças: Eu já tô caminhando pro final. Você falou que fizeram mais algumas ações, além da distribuição de cestas básicas, não foi?

Maria dos Camelôs: Sim, o primeiro momento da pandemia, na primeira semana, a gente fez uma vaquinha virtual, que agora não tá funcionando mais, mas em uma semana a gente arrecadou R\$28.000,00 pra distribuir pros trabalhadores. E eu lembro que a gente conseguiu, foram R\$250,00 pra 100 pessoas, que a gente depositou na conta. E foram alguns depósitos de R\$100,00 porque a gente arrecadou R\$28.000,00, e a vaquinha a gente paga uma porcentagem pro site, e quando sacou a gente sacou R\$26.400,00, então a gente distribuiu esse dinheiro pros trabalhadores. E o Instituto Unibanco, quando ele financia a gente com aquela grana que eu falei, de R\$450.000,00, ele faz em cima desse R\$28.000,00 que a gente distribuiu. Porque eles perguntaram pra gente: “quantas pessoas vocês tem cadastradas no movimento”? São 1.800. Eles fizeram a conta, 1.800 x R\$250,00, e deram esses R\$450mil. Aí, foi em cima desses que eles fizeram a distribuição. Aí, ao invés da gente fazer o depósito na conta das pessoas, a gente preferiu comprar cesta básica, porque a gente conseguiu ao invés de ajudar 1.800 pessoas, tiveram no primeiro mês 6.500, no segundo mês 4.000 e no terceiro 4.000 pessoas, porque a gente comprou as cestas básicas num lugar onde a gente comprava em atacado. Mercadoria, comida mais barata. Se a gente desse R\$250,00 pro cara fazer um mercado ele não ia conseguir colocar nada na cesta.

Laila Bouças: Uma boa alternativa mesmo. O MUCA tem 1.800 pessoas, é isso?

Maria dos Camelôs: Cadastrados sim, só que a gente não vive do cadastro, né? Tipo, Fulano de Tal foi preso, a gente vai ver quem era, vou lá resolver o problema dele. O movimento não tem uma arrecadação. “Ah, vou pagar tantos por mês”. Não existe.

Todas as ações que a gente vai fazer a gente busca ajuda e os parceiros ajudam a gente.

Laila Bouças: Entendi. As minhas últimas perguntas eu acho que você já respondeu, mas vou só falar pra você porque se você quiser pode complementar alguma coisa. Eram por que você continua fazendo esse trabalho, que você falou um pouco lá no início, e o que te motiva a continuar nele. E qual o maior desafio, nesse momento da pandemia, nesse contexto, pra agora e pra passar por ele. Acho que foram coisas que você já falou, mas se você quiser comentar alguma coisa ainda sobre isso.

Maria dos Camelôs: Nossa, o maior desafio da pandemia é sair dela viva, né? E conseguir ajudar o maior número de pessoas. Acho que quando eu me libertei de tanta coisa, tive conhecimento de tanta coisa, tantos direitos, de trabalhar na rua, de morar, de sair de um relacionamento abusivo. Tanta coisa que eu tive, eu tenho muita vontade de passar isso pros outros. Então, eu acho que é minha obrigação, de passar isso pros outros, o que eu aprendi, de tá aqui defendendo os trabalhadores. Tá no meu sangue. Não me vejo fazendo outra coisa sem ser isso. Eu sempre coloquei na minha cabeça. Dia primeiro de janeiro, se eu tivesse ganhado a eleição, eu ia pegar minha mercadoria, colocar no carrinho e montar minha barraca pra depois fazer a discussão política lá. Mas é isso. Tá no meu sangue e faz parte da minha vida também.

Laila Bouças: Tá certo, Maria. Muito obrigada por me ceder um pouquinho do seu tempo.

Maria dos Camelôs: A gente vai se falando. Obrigada também. Bom final de semana.

Referências

BOUÇAS, Rose Laila de Jesus. **Há produção do comum no trabalho de rua?** Instabilidades, conflitos e solidariedade no espaço público. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2024.

CORAGGIO, José Luis. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco; COSTA, Beatriz (orgs.). **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE:UCSAL, 2000.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. Boitempo Editorial, 2017.

GAGO, Verônica. **A razão neoliberal**: economias barrocas e pragmática popular. - trad. Igor Peres. - São Paulo: Elefante, 2018.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4ª ed. Paris: Anthropos, 2000.

LISBOA, Armando de Melo. **Socioeconomia solidária**. Marco conceitual latino-americano. Textos para discussão. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

MAGALHÃES, Felipe NC. Popular Economies In, Against, and Through the Platform. **Anti-pode**, v. 55, n. 2, p. 527-547, 2022.

QUEIROZ, Adriana Franco de. **Do direito à cidade para o direito ao trabalho**: ocupação e expropriação de “territórios de trabalho” por vendedores ambulantes em espaços públicos da cidade de Salvador-Bahia. – Salvador, 2017. 281 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Oriente Negado: cultura, mercado e lugar. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA** / Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. - Ano 2, número especial, (2004) - Ana Fernandes, Paola Berenstein Jacques (Org.). - Salvador: PPG-AU/FAUFBA, 2004.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens lentos, opacidades e rugosidades. **Revista Redobra**, nº9, ano 3. Salvador: Laboratório Urbano PPG-AU/UFBA, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 1994.

STAVRIDES, Stavros. **Common Space**. The City as Commons. London: Zed books, 2016.

Recebido em: 06/10/2025

Aceito em: 09/12/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v14i0.71544

Como citar: BOUÇAS, Rose Laila de Jesus; CARMO, Maria de Lurdes do. O Trabalho de Rua Como Um Comum Urbano: Maria dos Camelôs e Trechos de sua História de Luta pelo Direito à Cidade e ao Trabalho. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 14, n. 2, p. 104-122, 2025.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL